Introdução

Mais além dos paraísos artificiais

O intuito do presente trabalho é realizar um percurso na literatura psicanalítica a partir dos questionamentos suscitados pela clínica com toxicômanos. Este estudo foi motivado pela constatação de que as toxicomanias não se resumem ao consumo de drogas como um recurso para suspensão momentânea frente à dor de existir através da busca pelo estado de êxtase. Com isso, destacamos a posição do sujeito nas toxicomanias como principal objeto de estudo deste trabalho. Esta posição refere-se às atribuições conferidas ao dependente químico, considerado muitas vezes como uma pessoa doente, irresponsável e incapaz. Deste modo, ao assumir o papel de dependente químico o sujeito passa a dedicar a sua vida ao cuidado de sua doença.

É importante destacar que este trabalho se dedica ao estudo das toxicomanias – também conhecidas como dependência química –, que apresentam uma relação com a droga distinta do usuário de drogas. Para o usuário, a droga tem um caráter mais recreativo e não chega a ocupar um lugar central na vida do sujeito. O usuário costuma limitar o seu uso a determinadas ocasiões e não prejudica o seu trabalho ou suas relações em função da droga. O toxicômano, por sua vez, estabelece uma relação com a substância que não se limita à busca de seus efeitos potenciais. Persiste, sem dúvida, o anseio de alterar o estado de consciência e dos sentidos, ou anestesiá-lo a ponto de nada sentir. No entanto, existe algo a mais na procura pela droga, que ultrapassa a substância em si e diz respeito à posição ocupada pelo toxicômano. Nesta medida, as toxicomanias serão abordadas enquanto um arranjo sustentado pelo sujeito, que lhe atribui uma identidade.

Como escreve Birman (2005):

Os usuários de droga podem se valer da droga para seu deleite e em momentos de angústia, mas a droga nunca se transforma na razão maior de suas existências. Os toxicômanos, porém, são compelidos à sua ingestão por forças físicas e psíquicas poderosas. As drogas passam a representar, para esse grupo, o valor soberano na regulação de sua existência. (p. 223)

Além disso, como ressalva Santiago (2001), “na psicanálise, o fenômeno do consumo das drogas não implica, necessariamente, a existência do toxicômano” (p. 120). Em sua visão, uma importante virada da psicanálise na abordagem das toxicomanias ocorreu a partir da destituição do objeto droga enquanto sua causa determinante, passando ao exame de sua função na economia libidinal do sujeito, como fizeram Abraham e Ferenczi. Para Abraham, a droga visa a degenitalização da sexualidade, através da substituição do parceiro sexual pela substância. O alcoolista, segundo o autor, realiza uma identificação entre a sua sexualidade e o álcool. Já os estudos de Ferenczi enfatizam a substância como um artifício de destruição da sublimação, destacando a importância do exame das causas que levam o sujeito a refugiar-se na droga, que se encontram nos desejos mais profundos do sujeito.

É notório na clínica que há uma forte resistência do sujeito em retirar o foco da droga e olhar para o que há de singular em sua relação com a substância. A droga se apresenta como um refúgio do insuportável da existência e propicia o que pode ser nomeado de cristalização na posição de toxicômano, onde se mantém refém de sua condição de sujeito alienado ao desejo do Outro. Assim, as toxicomanias encobrem a dificuldade do sujeito se apropriar de seu desejo a partir do desejo do Outro e assumir um lugar para si. Este vazio em que o toxicômano se encontra propicia o sucesso da parceria com a droga, na medida em que as toxicomanias conferem uma identidade. Em sua fala, tudo gira em torno da droga e toda a sua desgraça é depositada na sua condição de dependente de uma substância que o sobrepuja. A posição de toxicômano é, por conseguinte, a de submissão aos mandatos de um objeto, que o condena à servidão e ao sacrifício de seu corpo.

A posição do sujeito nas toxicomanias reflete, portanto, a suspensão frente ao desejo, uma vez que a droga subtrai o sujeito da cadeia significativa e leva a uma ruptura. Não é raro que o uso da droga esteja relacionado a uma situação na qual é preciso fazer uma escolha ou quando a ocupação de um papel se torna um estorvo. Desta forma, é a droga que faz a escolha para o sujeito. Em função da recaída, perde-se o emprego, a possibilidade de concluir a escola ou uma faculdade, e relacionamentos são rompidos. Em muitos casos, o dependente químico não possui outra ancoragem identificatória em que possa se apoiar, restando-lhe apenas a parceria com a droga como possibilidade de existir.

O discurso que define a dependência química como uma doença incurável propicia a cristalização do sujeito na posição de toxicômano, pois ratifica a impotência do indivíduo diante da droga, privando-o da possibilidade de produzir um saber sobre o que a substância vem encobrir. Assim, este discurso reforça ainda mais o caráter de ancoragem identitária das toxicomanias, fazendo emergir, no lugar do sujeito, uma doença que o determina. Por conseguinte, ele passa a ser identificado pela substância que consome: “Cocaína, 23 anos...”.

Logo, para avançar no estudo das toxicomanias é preciso atentar não apenas para a substância e seus efeitos imediatos, mas principalmente para o que elas assinalam a respeito da relação do sujeito com o desejo. Ou seja, o que a droga parece encobrir na relação do sujeito com o seu mundo.

Em sua parceria com a droga, o toxicômano visa esquivar-se do encontro com o desejo e do mal-estar que advém do encontro com o outro. Deste modo, realiza uma ruptura com o laço social através do ato transgressor. Contudo, como será analisado ao longo desse trabalho, a transgressão se configura como um apelo à interdição da relação destrutiva com a substância. Logo, o uso da droga visa ao mesmo tempo romper com o laço social e exprimir um apelo à interdição de sua relação com a droga. Neste sentido, as toxicomanias designam um meio de atrair a atenção para o seu sofrimento, visto a impossibilidade de verbalizá-lo. Para escapar da angústia, o toxicômano grita com a droga. Impossibilitado de operar um outro modo de resposta que viabilize a elaboração do que é da ordem do intolerável, a droga se apresenta como um recurso eficaz para a suspensão diante do sofrimento, além de exprimir um apelo ao pai.

Para Melman (1992), as toxicomanias configuram um meio de suspensão momentânea da existência, a fim de conferir uma barreira contra o desprazer através do anestesiamiento. Não obstante, esta função não é um privilégio da droga. Há outras formas de buscar a suspensão da existência, como ir ao cinema, por exemplo. Entretanto, caso o indivíduo se sinta desconfortável com a poltrona ou incomodado por qualquer outro motivo, o filme deixará de cumprir esta função, pois o sujeito continuará existindo: “O bom filme é aquele onde ele desaparece” (p. 99). Com efeito, o anseio pela abolição da existência não diz respeito apenas ao toxicômano. Frente ao mal-estar que é a civilização, cada indivíduo procura, à sua maneira, um meio de deixar de existir, ainda que

momentaneamente. É nesta medida que Melman (1992) considera as toxicomanias como um sintoma social.

Contudo, em nosso estudo estamos considerando as toxicomanias que se apresentam como uma forma de existir, ao conferir uma identidade ao sujeito.

Não há na obra de Freud um trabalho dedicado particularmente à questão das toxicomanias. Todavia, o autor esclarece em *O mal-estar da civilização* a principal função dos tóxicos na economia psíquica do sujeito: oferecer uma suspensão frente ao mal-estar. Como ressalta Freud (1930), o propósito do homem é a busca pela felicidade. Isto significa evitar o sofrimento e o desprazer, e obter intensos sentimentos de prazer. No entanto, este propósito regido pelo princípio de prazer é oprimido pela própria constituição do sujeito, que o condena à restrição da satisfação pulsional. Além disso, o homem se encontra desprotegido em relação às fontes que provocam infelicidade:

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. (p. 84, 85)

Essa última fonte do sofrimento humano é considerada pelo autor como a mais penosa. Como medida de defesa mais imediata, o sujeito pode adotar o isolamento. Este é um aspecto relevante em nossa investigação, posto que as toxicomanias assinalam precisamente para o esquivamento do encontro com o outro através da ruptura com o laço.

Como escreve Freud (1930), o papel da civilização é deter o controle sobre as massas com a criação de regras sociais e normas morais, e sua subsequente internalização pelo sujeito. O que determina a submissão às regras impostas pela cultura é o sentimento de culpa, o qual impulsiona o sujeito a satisfazer as exigências do supereu. Por conseguinte, a subordinação à cultura é um efeito da incidência da lei paterna.

O sentimento de culpa, que emerge como efeito das tensões entre o eu e o supereu, culmina na necessidade de punição, que consiste em uma tentativa de reparar os confrontos com a instância paterna. Nesta medida, o sacrifício da satisfação plena das pulsões, implicado na submissão aos mandatos da cultura,

visa silenciar a culpa. Logo, o indivíduo está condenado à insatisfação das pulsões e a deixar-se governar pelas normas sociais, pois a culpa é sempre maior do que o sacrifício. A severidade do supereu designa, portanto, o sentimento de culpa perante a figura paterna, na medida em que os imperativos do supereu traduzem o modo como se configura a relação do sujeito com a lei.

Em resumo, a cultura é responsável pela criação de normas, que regulam a satisfação pulsional a partir de sua internalização pela incidência da lei paterna. E como efeito da interdição à obtenção do prazer pleno, advém o mal-estar. Em contrapartida, a cultura oferece meios de compensar a privação de prazer, como através dos benefícios propiciados pelos avanços científicos e tecnológicos. Existem, todavia, outros recursos que circulam no social a fim de dar conta da insatisfação do sujeito, embora não sejam legitimados. É o caso do consumo de drogas, que consiste em um dos métodos mais eficazes para evitar o sofrimento, uma vez que proporcionam um anestesiamento contra a dor.

Não creio que alguém compreenda inteiramente o seu mecanismo; é fato, porém, que existem substâncias estranhas, as quais, quando presentes no sangue ou nos tecidos, provocam em nós, diretamente, sensações prazerosas, alterando, também, tanto as condições que dirigem nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis. (p. 86).

A eficácia da droga se justifica por conferir uma barreira contra o conflito insolúvel entre a exigência pulsional e a lei civilizatória. Assim, os tóxicos garantem uma sensação imediata de prazer por libertarem o sujeito das normas da cultura, ainda que momentaneamente. É por esta razão que Freud (1930) os define como “amortecedores de preocupações” (p. 86), pois propiciam um refúgio através da criação de uma nova realidade durante a experiência de êxtase. Em função do alívio instantâneo que proporcionam, as drogas passam a ocupar um lugar permanente na economia da libido.

Voltar-nos-emos, portanto, para uma questão menos ambiciosa, a que se refere àquilo que os próprios homens, por seu comportamento, mostram ser o propósito e a intenção de suas vidas. O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. Essa empresa apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer. Em seu sentido mais restrito, a palavra ‘felicidade’ só se relaciona a esses últimos. (p. 84)

Segundo Birman (2005), as toxicomanias na atualidade se configuram pela busca por uma poção mágica que mantenha o indivíduo insensível ao sofrimento. Deste modo, o que está em pauta é um não saber sobre a própria existência, fazendo desaparecer o sujeito. Ao visar a suspensão diante do saber sobre si mesmo, o sujeito estabelece um pacto de morte, “numa transação marcada pela alienação da vida do sujeito no outro, por meio de um objeto ambíguo de satisfação/mortificação” (p. 203).

O uso de uma substância tóxica visa precisamente assegurar a diminuição das tensões psíquicas. Em *Além do princípio de prazer*, Freud (1920) relaciona o prazer e o desprazer ao nível de excitação que circula no aparelho psíquico. Quanto mais baixo o seu nível, maior é a sensação de prazer. Apesar de haver uma forte tendência no sentido do princípio de prazer, existem forças que contrariam esta tendência e aumentam o nível de excitação. É o caso da reprodução de experiências desagradáveis, como ocorre nas neuroses traumáticas. A esta tendência de repetir experiências que causam desprazer, Freud (1920) nomeia de compulsão à repetição, que se situa além do princípio de prazer, circunscrevendo o conceito de pulsão de morte. Com isso, demonstra que o homem pode obter na dor uma fonte de prazer. A partir da introdução desta categoria, Freud concebe a noção de masoquismo originário, que nos servirá mais adiante para a compreensão do sacrifício do corpo nas toxicomanias e o apelo que profere em regime de urgência para que haja uma intervenção em sua relação narcísica com a droga.

Olievenstein (1990) ressalta quatro aspectos fundamentais para o estudo das toxicomanias:

- 1º) A primeira é que a droga existe sem o toxicômano. O objeto droga, matéria inerte, existe, sempre existiu, em todos os tempos e todos os lugares;
- 2º) Diante deste objeto, a atitude do homem é variável, conforme o espaço, a ideologia, o lugar e o momento sócio-cultural;
- 3º) Em um mesmo momento sócio-cultural, a atitude dos indivíduos é variável, conforme a vulnerabilidade pessoal ligada à história do sujeito diante da falta;
- 4º) Toda a falta do ser humano remete a uma outra falta arcaica, e é nisso que se situa a especificidade da dependência química. (p. 14)

Logo, as toxicomanias não são determinadas unicamente em função do encontro com a droga. É preciso levar em consideração, ainda, o contexto sócio-cultural e um traço na personalidade do sujeito que promova, a partir do encontro

com a substância, um modo de existência regulado pela fusão com o produto e pela relação de descomedimento.

De acordo com Freda (1997), as toxicomanias se diferenciam do sintoma, pois não produzem um saber. Sua prática e seu discurso são marcados por uma profunda monotonia, pois a droga oculta sua subjetividade.

Nas palavras de Baptista (1997), o toxicômano “se apresenta como um morto no interior de um vivo” (p. 37). Seu laço social se resume a um par mortífero com a droga. Ao visar a abolição de sua existência, o toxicômano está em busca da morte.

Becker e Vidal (1993) lembram que “nem Freud nem Lacan (e também nem Klein nem Winnicott) fizeram uma clínica diferencial das toxicomanias” (p. 73), ressaltando com isso que não é preciso destacá-las com uma classificação à parte dentro da psicanálise. Ao contrário, apregoam que para avançar neste campo é preciso “produzir com ela um sintoma comum, do sujeito às voltas com seus ditos” (Idem.).

Santiago (2001) salienta que as toxicomanias não se sustentam enquanto uma categoria clínica no campo freudiano, na medida em que a droga só produz um saber a partir do contexto discursivo do qual se anuncia. Desta forma, produzem efeitos variáveis em cada sujeito.

Para a psicanálise, nenhum segmento da realidade, tóxico ou não, tem existência em si, ou seja, nenhum desses segmentos pode ser levado em conta sem a mediação da estrutura da linguagem. Não é possível falar de uma relação imediata com uma realidade objetiva e exterior, quando o que está em questão, nessa relação, é o sujeito do inconsciente. (p. 26, 26)

Para dar prosseguimento a esse estudo, investigaremos no próximo capítulo a problemática do diagnóstico diferencial nas toxicomanias, lançando uma discussão acerca do que diferentes autores desenvolveram a propósito desta questão. No terceiro capítulo, será analisado o romance familiar do toxicômano, destacando-se a falência da função paterna e a relação de cumplicidade com a mãe. A partir destas considerações, desvelam-se os enlaces primordiais que favorecem a sustentação da posição de toxicômano.

No quarto capítulo, partiremos para o exame da perda das identificações ideais, a qual assinala para um sujeito à deriva, que busca a qualquer custo um

modo de ancoragem identitária. Tendo em vista a cristalização do sujeito à droga e sua dificuldade em abrir mão do lugar de dependente químico, torna-se possível conceber as toxicomanias como uma marca identificatória, que consiste no tema central do presente trabalho.